

# O ESPECTRO

NUMERO 37 — 1 ANNO — 1888

SEMANARIO POLITICO

PREÇO 10 RÉIS

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

LISBOA

6 mezes . . . . . 260

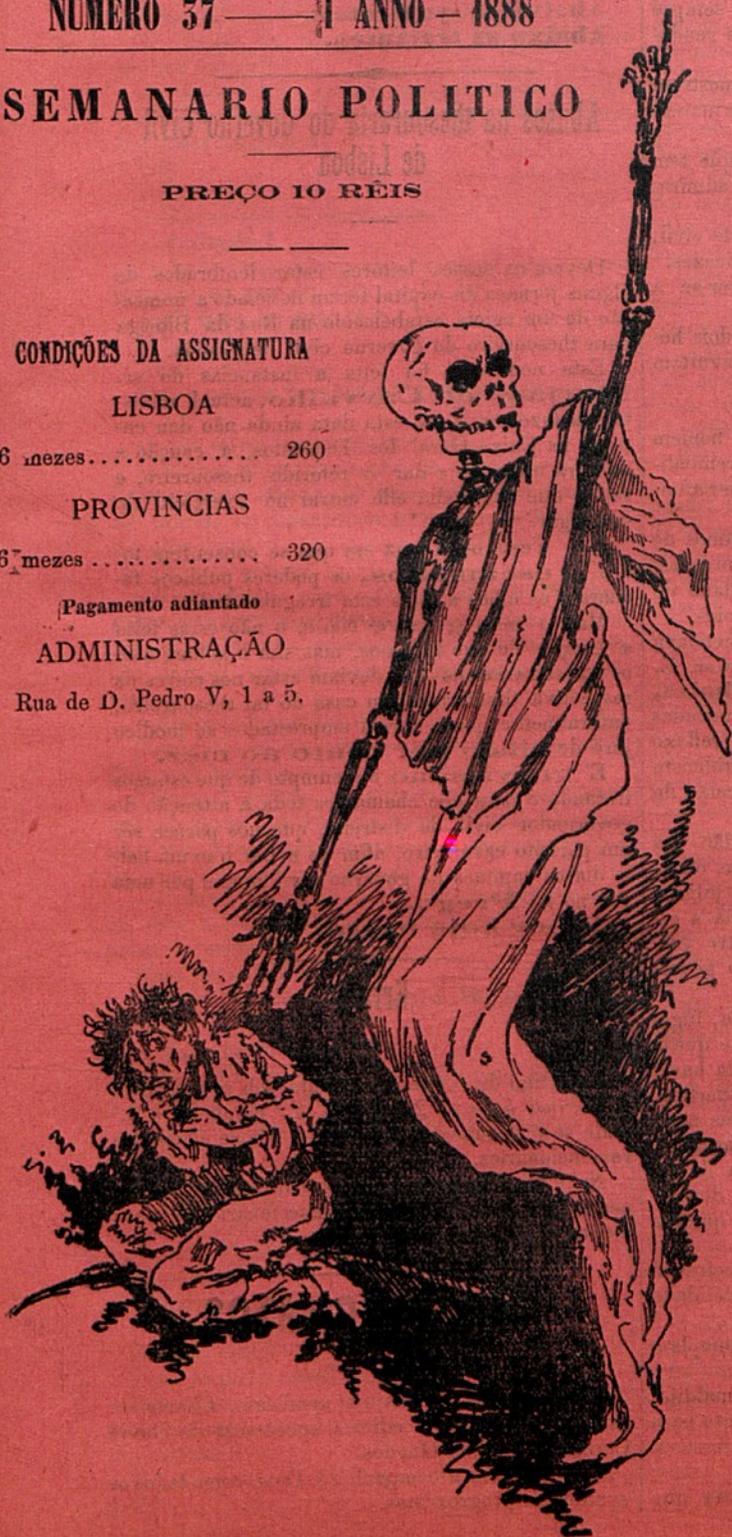
PROVINCIAS

6 mezes . . . . . 320

Pagamento adiantado

ADMINISTRAÇÃO

Rua de D. Pedro V, 1 a 5.



## A SITUAÇÃO

Vai abrir-se o parlamento.

Nenhum réo compareceu nunca ante o juiz que o deve julgar, havendo offendido o código penal tão gravemente, como este governo de precitos tem offendido os principios da moral, e constituição ha tres annos ludibriada pela mais torpe e desprezível dictadura.

E' geral a indignação contra esta politica crapulosa, que planea em cada acto uma baixeza, que combina em cada medida um negocio; que nada pensa nem quer, nem pratica senão aferroada pela sordidez de ganancias em emprezas dignas do Limoeiro.

O desprezo por esta **matulagem** que n'um momento de torpor nacional, escalou o poder, não pode ser mais completo.

O repugnante espectáculo do vicio enthronizado, da crapula e do crime glorificados irritam a sensibilidade moral dos mais passivos e indifferentes.

Pronuncia-se na presença do povo o **nome do ministro da fazenda**, e para logo saem de todas as boccas as mais assombrosas exclamações.

As accusações são unanimes.

Attenuantes nenhuma.

Todos affirmam convictos e sem reboço que este **infamissimo** governo se tem emporcalhado em traficancias de tão desaforada deshonestidade, e corrupção, que seria mister suppôr o paiz no ultimo grau da decadencia, para acreditar que elle o consentiria por mais tempo a gerir o seu dinheiro, e a zelar a sua honra.

Os seus proprios amigos politicos mais sinceros, os mais dignos, os mais illustrados e por isso mesmo isentos dos prejuizos partidarios, são os primeiros, que na conversa particular se mostram attonitos ante tamanha desfazatez e devassidão.

—Não, dizem elles; não é isto que para ahi **engorda e enriquece** que deve chamar-se o **partido progressista** tão querido do povo e tão honrado da nação!

O partido progressista morreu.

Ha por ahi alguém que ouvindo fallar no duque de Loulé, em Sá da Bandeira, no bispo de Vizeu ou em Anselmo Braamcamp, não sinta que se estes **homens honrados** pudessem levantar hoje os braços, seria para pegarem n'um fueiro e pôrem os ossos n'um feixe **a quadrilha** que lhe envergonha a memoria?!

A astucia substituiu o merito.

A honra e a virtude fugiram corridas e caçadas pela malandrice doirada e poderosa.

Os logares mais eminentes da nação **coubaram** em partilha aos **grandes velhacos**, ora audezes, ora amaneirados, consoante as exigencias do seu ideal — a **riqueza**, a **ostentação**, a **grandeza**.

Uma terrível epidemia, peor que a lepra para o corpo, está minando os fundamentos da vida dos estados.

Em França o **wilsonismo**, em Portugal o **marianismo** tem sobre a consciencia publica os effeitos de um pantano sobre a saúde de povos circumvisinhos.

O contagio fere todas as fibras.

O meio porque se desenvolve é sempre o mesmo: **astucia** e **audacia**. Os effeitos da combinação d'estas duas forças são quasi sempre seguros. As tentativas coroadas dos mais rendosos proveitos.

Não ha até grandes malvados que se mostram distinctos cavalheiros e das mais afidalgadas maneiras?

Não conhecereis criminosos celebres, que tem sabido conquistar para a sua habilidade a admiração de tantos observadores?

Na sociedade politica, como na sociedade civil, ha apparencias que illudem os mais perspicazes.

A fortuna dos povos está em precaver-se a tempo; em conhecer o perigo e evital-o.

O partido progressista illudiu-se com dois homens. Hoje os elementos para os conhecer avultam por toda a parte.

Elles são a alma do partido?

Peior para todos. Que se levante um homem prestigioso e os atire como productos excrementicios aos esgotos onde ha muito deveriam ser afundados.

E' declamação? é rethorica o que acabamos de escrever? Não. E' a opinião sincera de progressistas dos mais considerados, pela honestidade do seu caracter, e pela pureza dos seus principios.

Quando o sr. Oliveira Martins recommendava a quem fosse tractar de negocios com o sr. E. Navarro que **mettesse dinheiro na bolsa**, não nos parece que estas palavras, pronunciadas ante o paiz inteiro, seriam apenas um pallido reflexo da opinião particular que este distincto publicista emitiria ante os seus amigos ou no recesso do seu gabinete?

Quando o sr. Ennes dizia ante a multidão dos seus leitores, que os autos do ministro das obras são verdadeiras **monstruosidades**, julgaes vós que este distincto jornalista se limitaria a estes qualificativos, quando apreciasse entre cor-religionarios os actos ou a politica do governo?

Quando o notavel orador, Antonio Candido, fugia espavorecido de Lisboa, e dizia a toda a gente que ia remetter se á vida particular; elle que nada havia feito, mas simplesmente pertencido ao partido, que senão aviltava de contar entre os seus marchas **leproso** como Marianno de Carvalho, imaginaes, que nos desabafos da sua alma de artista, seria aquelle epitheto bastante, para descarregar sobre o **leproso** toda a indignação que lhe fervia na consciencia irritada?...

Ora diante de um governo assim conceituado pelos proprios cor-religionarios, a responsabilidade da opposição é tremenda.

O paiz tem n'ella os olhos. O povo contempla-a como uma esperança.

Os crimes d'este governo, tres vezes maldito, são de tal ordem, que um só seria sufficiente para o derrubar se o systema representativo funcionasse normalmente.

Mas a **sophisticação** do systema permittiu que

elles **accumulassem** de uma maneira nunca cogitada.

Seria um **cumulo** de vergonha para todos; um attentado contra as instituições, um perigo para o Rei, um crime contra a patria, um erro em fim de gravissimas consequencias, se o governo conseguisse atravessar ainda a sessão parlamentar, pois que o voto unanime de todos os homens de bem é um só:

**Abaixo o governo:**

**Abaixo os syndicatos:**

**Abaixo os tratantes.**

## Abusos na thesouraria do Governo Civil de Lisboa

Devem os nossos leitores estar lembrados de alguns jornaes da capital terem noticiado a nomeação de um agiota estabelecido na Rua da Bitesga para thesoureiro do governo civil de Lisboa.

Esta nomeação foi feita a instancias do sr. **Marianno de Carvalho**, actual ministro da fazenda, e até esta data ainda não deu entrada na Caixa Geral dos Depositos, a caução a que era obrigado a dar o referido thesoureiro, e sem o que não podia elle entrar no exercicio do seu lugar.

Mas n'este bello paiz em que se consentem todos os **escandalos**, os poderes publicos fecharam os olhos a mais esta irregularidade.

Mas o mais **grave** não é, o não estar feita a caução de que fallamos, mas sim o acharem-se os **dinheiros** que deviam estar nos cofres da respectiva thesouraria em casa do tal thesoureiro, naturalmente para serem emprestados ao modico juro de **cinco por cento ao mez**.

E' **gravissimo** o assumpto de que estamos tratando e para elle chamamos toda a attenção do governador civil do districto, que nos parece ser um perfeito cavalheiro, afim de evitar que um bello dia os capitaes do governo civil fiquem por uma vez no tal **Prego**.

**E por hoje basta.**

## Errata

No artigo de 5.<sup>a</sup> feira passada sob a epigraphe *A' ultima hora* na 2.<sup>a</sup> pagina, 2.<sup>a</sup> columna, § 6.<sup>o</sup> onde se lê: elementos devoluçios, leia-se elementos revolucionarios.

No § seguinte: Ao sr. Navarro cumpre abortar certas fracções do partido reaccionario, leia-se: alentar certas fracções.

## MAIS SYNDICATOS

Está organizado mais um syndicato. Chama-se: Companhia nacional editora sucessora de David Corazzi e Justino Guedes.

Que fins tem a companhia? Dois, como todos os syndicatos progressistas.

O que **se vê** e o que **se não vê**:

A formula é mais velha que o illustre Bastiat, mas nem por isso é menos exacta e verdadeira. O que é bom, ás vezes quanto mais velho melhor.

O **fim que se vê** dizem-no os estatutos: editar quaesquer obras ou publicações, e explorar as industrias correlativas.

O que **se não vê**, hasde tu advinhar, leitor amigo, reparando bem no que vamos fazer desfilar ante os teus olhos maravilhados.

O capital da companhia é de 270 contos, fica sempre sabendo.

A sede é em Lisboa com succursaes na provincia, **podendo ter tambem succursaes no estrangeiro.**

Glá!...

—Calluda!

—Succursaes no estrangeiro!...

—**Caluda!**

—Agora pega n'esse rolo de papel que tem por fora não sei que etiqueta:.. Le lá?

—O que **se não vê.**

—Isso mesmo.

Abre bem os olhos.

**Uma sorte de alta prestidigitação.**

O que estás vendo agora?

—Parece uma montanha de papel que se está desenrolando diante de mim, como na *Cora* em D. Maria, se desenrolam as paisagens do grande rio americano.

—E' isso mesmo.

—Será n'este papel que trabalharão as **succursaes estrangeiras**, para a feitura das obrigações dos futuros emprestimos portuguezes, o que não deixará em cada anno menos talvez de 200 contos?

—Caluda! leitor dos demonios.

Comprehendo que não és capaz de ver e calar. Pois está acabado a sorte.

Vamos á galeria em que te fallei acima. Atravez das lentes que vou pôr diante dos teus olhos, se não ves clara e nitidamente, é porque és cego, e da peor cegueira, a toleima.

—Colloca o syndicato das **publicações** bem no foco, e vai vendo (e calando) por estas lentes, todas de cristal de rocha.

*Mesa da assemblea geral.*

Primeira lente: **Henrique Mozer.** Presidente.

—Mas este Mozer...

—Mão. Ou te calas, ou não vês mais nada.

Conselho da administração.

Primeira lente: **Marquez de Foz.**

—Mas...

—Bico.

Conselho fiscal.

Varias lentes:

Antonio Centeno, Alfredo Pereira, Alpoim.

Substitutos.

Primeira lente: **Marianno Presado.**

—Viste bem? comprehendeste tudo?

Ora ahí está!

Uma pequena observação.

Este syndicato tem um merito sobre muitos outros: apresenta-se quasi sem mascara, francamente, claramente.

E' elle com o seu proprio nome Foz—Mozer & C.<sup>a</sup>

## Mister Bacoco e os seus leões

Quando estoitou no Porto a noticia do syndicato dos vinhos, **maroteira** que tinha apenas em vista arrancar a exportação aos actuaes negociantes, para a transferir para o syndicato amigo, a exaltação da illustre cidade apertou o coração do governo. Mister Bacoco julgou que daria com os burrinhos n'agua; e para evitar a catastrophe, exorou o commercio do Porto a mandar-lhe uma commissão, que o esclarecesse.

Logo que a commissão se viu entalada entre dois rabulas, como Christo entre os dois ladrões, conheceu que era tudo endromina, e apelou para a Magestade que a recebeu graciosamente.

O desfranzir de uma prega no labio superior da Magestade, alagou em suor frio o corpo franzino do pobre Bacoco, que julgou levantada a cevadeira.

Sem ter consciencia do que dizia, nem do triste papel que representava, disse o pobre diabo á commissão:

—Meninos, olhem que o **tambor-mor** dos pequeninos teve conhecimento da marosca de 5 de dezembro e eu proprio o encarreguei de os consultar a vocês.

Não consultaria?

—Consultar!.. Quem fallou em consultar a quem? E' maroteira do Burnay, com certeza, rugio de ali um soberbo leão, que tinha sido caçado nos desertos da **Malandronia.**

No mesmo instante o **desgraçado Bacoco** foi lançado por terra e envolvido n'uma luta terrivel.

Como cheirava ainda á manteiga que tinha dado á commissão, os dois grandes leões da **Malandronia** julgando que era carne de cavallo ou pelo menos burro que tinham deante de si, atiraram-se ao pobre **Bacoco**, e tel-o-iam devorado inteiro, se dois outros leões, pacatos, o Nasuto e o Manzorro lh'o não arrancassem das faces escancaradas.

Antes de pensar as feridas, viu-se Bacoco obrigado a publicar em grandes cartazes:

—Que fôra mentira. Que não dera manteiga á commissão. Que as monices e esgares do **tambor-mor** são velhacarias proprias da sua profissão.

**Triste Bacoco!! Tristissima figura!!!**

## O sr. ministro da fazenda a protejer os moageiros

Estão a descarregar para os armazens do Terreiro do Trigo alguns navios vindos do estrangeiro com carregamento de farinhas, para se fornecerem as padarias por conta do Estado.

O **malandrim da fazenda** no intuito de proteger os moageiros mandou comprar a farinha da peor qualidade, e tendo alguma estragada.

E aqui está como o paiz vae pagar por bom preço uma **mixordia** que nem serve para alimentar porcos.

E' um nunca acabar de **patifarias.**

## Mais uma traficancia!

Consta-nos que o governo vai annullar todas as obrigações do empréstimo das estradas, que não tiverem sido pagas até fim do corrente mez.

E' mais uma **pouca vergonha** e uma **falta de seriedade** da parte d'este **escandaloso governo**, que illude o povo com contractos sophisticados a que obriga o paiz a subscrever com vantagens bem interpretadas pelos subscriptores, as quaes lhes são **roubadas** acto continuo, ao largarem os seus tão maldadados cobres.

O contracto entré o governo e o publico faculta a este ultimo o seu pagamento conforme lhe fôr mais favoravel, isto é, o que não poder pagar como o titulo provisorio manda; ficará sujeito ao juro de 5 % da móra, e caso esse titulo seja premiado em os sorteios promettidos, o governo liquidará com o possuidor do mesmo descontando o que se dever.

D'esta maneira e em conformidade com a penalidade que o governo impõe do juro de 5 % da móra é promettido ao subscriptor pagar quando quizer e será uma **maroteira**, como muitas outras, que o governo tem praticado o annullar todas as obrigações do empréstimo, cujas prestações se achem em divida.

Com a annullação dos titulos o povo fica **roubado** no capital que entregou no acto da subscripção, e **roubado** no juro d'esse capital que o governo não paga, e mais ainda **roubado**, por que a annullação reverte em favôr do governo 4 % de juro que elle tenha a entregar ao subscriptor.

Se o governo entende especular com o misero povo que não tem **dinheiro arranjado escandalosamente em syndicatos** para o prompto pagamento d'estes titulos, engana-se, porque o dinheiro do povo que tanto lhe custou a ganhar com honradez e que não passa de insignificantes quantias ha-de um dia servir para a compra de **chicotes** com que elle mimoseará o lombo de muito **ladrão** que é preciso correr para fóra d'este desgraçadissimo paiz.

## Porque preço se compra um ministro

Com a **marcha immoral** d'este **infame governo**, tem-se provado que as grandes concessões a favor dos syndicateiros, revelam sempre ou grandes **conlutos** ou **refinadissimas maroteiras**.

Os nossos leitores conhecem tão bem como nós o heroe do Luso e das obras do Porto de Lisboa, essa individualidade **reles** e **boçal** como de qualquer frequentador do **café do Refillão**.

Os nossos leitores não ignoram tambem os meios **ignobéis** de que elle se tem servido para arranjar a fortuna que tem, servindo-se umas vezes da **calumnia torpe** e outras da importancia que lhe dá o elevado cargo que occupa de ministro das obras publicas.

Este **marmanjo**, que em tudo tem ganho, recebeu como premio dos altos favores que concedeu á Companhia Vinicola do Norte, o ser-lhe offerecida a **propriedade** do **Jornal da Manhã**, que se publica no Porto e que custou a bagatella de **26 contos de réis**!

Nós já tinhamos noticiado a compra do jornal em nome do sr. Emygdio Navarro, mas o que não

sabiamos n'aquella occasião, é que tinha sido em **paga** dos altos favores que de futuro havia de conceder á **celebre Companhia Vinicola do Norte**.

E' um nunca acabar de **tratantices**.

## A União Agrícola Portugueza

Acha-se assignado o dia 15 de janeiro para a emissão publica de **15000 Bons Privilegiados** d'esta Companhia, a que no nosso ultimo numero largamente nos referimos, demonstrando os **inconvenientes** que ella trazia ao paiz, e as **concessões vergonhosas** que o governo lhe tinha feito, e a **pouca respeitabilidade** dos seus directores, havendo entre elles um tal **Phillpart, banqueiro fallido**, e um tal **Chico Batotelro, muito conhecido em Vizeu**.

Feitas estas declarações só nos resta prevenir os incautos a que se acatellem com a seriedade de uma companhia, que tem como directores **individuos de uma respeitabilidade tão duvidosa**.

## O empréstimo dos 6 mil contos e os portadores do empréstimo de D. Miguel

Por falta d'espaco deixamos outro dia de publicar o artigo que tinhamos escripto sobre a carta do sr. de Reilhac.

Como o *Espectro* discutio com grande vigor a **ladroeira** do arresto do empréstimo portuguez em Paris, não queremos deixar de dizer aos nossos leitores, o que pensámos, por occasião da carta do illustre titular, uma das figuras mais importantes da questão.

Mais outra carta de Paris sobre o empréstimo, abafado pelos amigos do sr. Marianno. E' o que está vindo de lá com fartura. Mas *cartas são papeis*, como dia o povo, e o seu dinheiro a arder. Já vai em 150 só o juro que temos de pagar pelo tempo que tem durado o arresto e 150 contos que o banqueiro depositario amigo do sr. Marianno, se está regalando de comer á custa do paiz.

Isto brada ao céu!

A carta agora é do sr. conde de Reilhac, o das conferencias secretas, a altas horas da noite, com o seu antigo amigo, o sr. Marianno de Carvalho.

O sr. Marianno ainda não desmereceu do conceito e amisade do nobre conde, por isso este deitou nova carta, para defender o dinheiro dos titulos miguelistas que elle e os seus representados possuem em grande quantidade.

Elle que até fazia affixar nas esquinas de Paris enormes cartazes contra o credito de Portugal, declara-se agora absolutamente estranho ao embargo... «je suis *absolument étrange* á cet embargo».

O **pantoloneiro** da fazenda mandou armar a ratoeira n'outra parte. Pois lá iremos.

O arganz dos seis mil contos não ha-de cair sem grande estrondo.

—E' verdade... Os leitores do *Espectro* não viram hontem o artigo do *Diario Popular* sobre este assumpto?

Como aquella imaginação cae estando no Poder! Desbotou-a o ouro; aturdiu-a o imperador milhão.